

A atuação das Entidades do 3º Sector na pandemia em Portugal

10ª CONFERÊNCIA ANUAL DA AME

26 de outubro de 2022

Face à situação inusitada da COVID 19, as instituições do 3º setor desempenharam um papel extremamente relevante, a par dos serviços de saúde. Este enfrentou (e enfrenta) novas e significativas dificuldades, mas provou ser **resiliente** e com grande capacidade de **adaptação e reorganização**.

IDOSOS

O encerramento dos Centros de Dia e dos Centros de Convívio, obrigou a uma **reorganização** dos serviços que, em muitos casos, passaram a ser domiciliados, obrigando a um maior número de colaboradores e viaturas nos serviços de apoio domiciliário. A Cáritas de Coimbra presencia duas realidades distintas, quer de utentes, quer de colaboradores, por um lado, o contexto urbano da cidade de Coimbra, com acesso facilitado a serviços de proximidade e a bens de primeira necessidade, por ex. na entrega ao domicílio, e, por outro, o contexto rural de pequenas vilas e freguesias, com grandes distâncias, sem rede de transportes, cujos utentes não têm retaguarda familiar, com redes de vizinhança muito envelhecidas (quando existem), sendo muitas vezes as colaboradoras da Cáritas o único contato e apoio que têm. Se na zona urbana houve quem prescindisse de alguns serviços, nestes pequenos locais houve um acréscimo de trabalho, não só nas deslocações, mas também nos contatos telefónicos com os utentes e suas famílias e nas articulações com outros serviços, nomeadamente a saúde/farmácia/supermercado. Nestas zonas rurais mais isoladas, escasseia também a mão de obra, sendo cada vez mais difícil contratar para uma área tão desafiante e monetariamente tão desvalorizada como é o setor social. Neste caso, os colaboradores dos diversos ATL encerrados foram imprescindíveis no reforço das equipas e na resposta às necessidades dos utentes.

De destacar também que muitos dos nossos utentes foram afetados pelo isolamento, o que despoletou solidão e perdas relacionais de socialização, que conduziram muitas vezes à tristeza profunda e ao medo, agravando o estado de saúde, de doença mental e de locomoção. Isto levou a uma **reinvenção** das nossas respostas, nomeadamente, na criação de novas estratégias, promotoras do convívio e do bem-estar físico e psicológico dos utentes, tendo as novas tecnologias desempenhado um papel fundamental.

CRIANÇAS

De acordo com as medidas decretadas, deu-se o encerramento das creches e dos centros de atividades tempos livres, cujos trabalhadores foram alocados a outros serviços, ainda que sem formação para a área e com a necessidade acrescida de formação devido às novas medidas de higienização e proteção. Apesar da vontade de contribuir para a superação das dificuldades, a verdade é que a mão de obra não qualificada, nomeadamente numa área sensível como é a dos idosos, trouxe vários constrangimentos para as equipas (stress, ansiedade...).

Não obstante as necessidades emergentes dos idosos, era preciso não esquecer as crianças e os jovens que viram as suas vidas suspensas, sem acesso ao ensino, à aprendizagem

diária, às atividades lúdicas e desportivas(...). Muitas destas crianças/jovens não tinham condições (físicas, psicológicas, emocionais...) para estarem fechadas 24 sobre 24h com as suas famílias e urgia atenuar essas dificuldades, diagnosticando situações e delineando estratégias de intervenção à distância. Mais um desafio que nos levou a **reinventar** a resposta de Creche e de ATL: nasceu o “CATL Virtual” e as sessões pedagógicas online para crianças e famílias. O que nem sempre foi de fácil gestão, quer para os colaboradores, que tiveram de se adaptar às novas tecnologias, quer para as famílias, que para além das novas tecnologias tinham também situações de doença, de teletrabalho e todas as tarefas domésticas inerentes a uma família isolada em casa.

FAMÍLIAS

Muitas famílias depararam-se com a perda significativa de rendimentos, o que contribuiu para o agravamento da sua situação de vulnerabilidade. A precariedade laboral, em que muitas se encontravam, nomeadamente, sem contratos, a recibos verdes ou a part-time, nem sempre permitiu que usufríssem dos apoios sociais. Perante esta situação, a intervenção social revestiu-se de especial importância, garantindo a satisfação das necessidades básicas, em particular, apoio alimentar e pagamento das despesas de água, luz e internet, que muitos subscreveram devido às atividades escolares. Verificámos, por um lado, perda de rendimentos, e por outro, aumento das despesas, sobretudo com a alimentação das crianças e dos jovens.

Apesar do estado de emergência e do teletrabalho, o que levou ao encerramento de muitos serviços, a Cáritas foi **resiliente** e manteve sempre o Centro de Apoio Social em funcionamento. As dificuldades inerentes às deslocações das famílias e as medidas de contingência obrigaram à adaptação dos serviços de apoio, que **readaptaram e reinventaram** novas formas de diagnóstico social e de contato com as famílias, passando a fazer atendimentos por videochamada e entrega de documentação via email ou WhatsApp, por ex., bem como entrega de apoios ao domicílio, a fim de evitar as deslocações das famílias.

A **readaptação e reinvenção** foi ainda mais longe, para colmatar a diminuição dos donativos, devido ao cancelamento das campanhas de recolha de bens e do peditório nacional da Cáritas, tendo sido lançadas três campanhas - “Máscara solidária”, “Somos Família” e “Natal Solidário”. A primeira envolveu todas as respostas da CDC e a comunidade em geral na confeção de máscaras em tecido, cuja venda reverteu para a compra de bens alimentares. A segunda consistiu no apadrinhamento de famílias, por outras famílias, para aquisição de bens alimentares. O “Natal Solidário”, ainda que seja uma campanha já habitual, ganhou um novo sentido com a situação pandémica e conquistou o carinho de fornecedores e comunidades com quem habitualmente trabalhamos.

Constatámos também uma grande dificuldade em conciliar, no espaço doméstico a vida familiar e a educação dos filhos, com todas as atividades que lhe estavam inerentes. Isto levou a que muitos não tivessem possibilidade de usufruir das refeições escolares a que tinham direito, pois a deslocação implicava, por ex., deixar os filhos sozinhos em casa. O aumento das despesas com a alimentação levou muitas famílias a procurar ajuda, isto porque depois de honrarem os seus compromissos no pagamento da renda e das despesas de água e luz, pouco restava para adquirir alimentos. Esta situação levou-nos a efetuar um grande investimento na aquisição de bens alimentares e posteriormente na aquisição de vales de compras (18.800,28€ em 2020 e 25.066,14€ em 2021).

Face à situação atípica, a Cáritas Portuguesa rapidamente encetou esforços para auxiliar as Cáritas Diocesanas a responder da melhor forma às necessidades das famílias e

criou o programa “Vamos inverter a curva da pobreza”. Este surgiu em abril de 2020, mantendo-se até à atualidade, e convida todas as empresas e comunidade em geral a doar bens ou dinheiro para apoiar as CD. Muitas foram as empresas que rapidamente responderam ao apelo! A Cáritas Portuguesa disponibiliza até à data uma verba mensal de 1000€ a cada Cáritas Diocesana (20 no total), que pode ser convertida em vales para aquisição de bens de 1ª necessidade ou no pagamento de despesas do agregado. Apesar de importante, o apoio da CP não foi, nem é suficiente, para responder a todos os pedidos de ajuda, tendo a Cáritas de Coimbra aumentado significativamente o valor dos apoios, desde o início da pandemia (quase duplicou). O maior aumento deu-se no apoio alimentar, nomeadamente, com a aquisição de vales de compras em detrimento dos bens alimentares, permitindo às famílias comprarem o que realmente corresponde às suas necessidades, sem perderem a sua dignidade. De 2019 até 2021 houve um aumento significativo de despesas no apoio social, passando de quase 26.948,78€ em 2019 para 43.656,59€ em 2021 e 50.804,63€ em 2022.

A pandemia veio comprovar que o Terceiro Setor desempenha um papel fulcral na resposta aos mais vulneráveis, não obstante, este é constantemente colocado à prova, enfrentando desafios económicos e financeiros, fruto da dependência estatal e da perda de poder económico dos utentes/famílias.

Notas:

- a pandemia veio agravar a carência de recursos, que já eram limitados em circunstâncias normais, pondo em causa a sustentabilidade financeira de projetos e instituições.
- a Cáritas foi para muitas famílias uma resposta célere e presente ao longo dos longos meses de confinamento;
- a ausência de contratos de trabalho, sobretudo nos trabalhos domésticos e na restauração, deixou muitas famílias fora dos apoios estatais e com ausência total de rendimentos;
- de destacar a grande procura por parte de famílias estrangeiras, sobretudo famílias nucleares com filhos, que chegaram em plena pandemia;
- como principais vítimas da pandemia e da precaridade laboral, destacam-se as famílias com filhos menores, muitas delas monoparentais, e os imigrantes ilegais que devido à sua situação não são abrangidos pelos apoios estatais.
- elevados gastos com equipamento de proteção individual (máscaras, álcool, álcool gel, etc.), tanto para os colaboradores, como para os respetivos utentes, agravada no início com a escassez no mercado;
- reforço dos apoios domiciliários e consequente acréscimo de atividades/serviços;
- redução das participações dos utentes ou mesmo ausência, no caso das creches e ATL;
- cancelamento das campanhas de recolha de bens alimentares;
- elevada taxa de absentismo devido aos isolamentos e infeções dos colaboradores e seus dependentes;
- escassez de recursos humanos especializados e desgaste para lidar com o contexto pandémico;
- a pandemia veio confirmar a importância que os recursos humanos assumem no Terceiro Setor, atendendo à especificidade das áreas de intervenção e ao perfil profissional que as mesmas exigem.

- a falta de respostas abrangentes e céleres por parte das entidades estatais vem demonstrar a necessidade de uma corresponsabilização de toda a comunidade, quer das empresas, quer da sociedade civil, na resposta aos problemas sociais.